

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

HISTÓRIA DA ARTE I

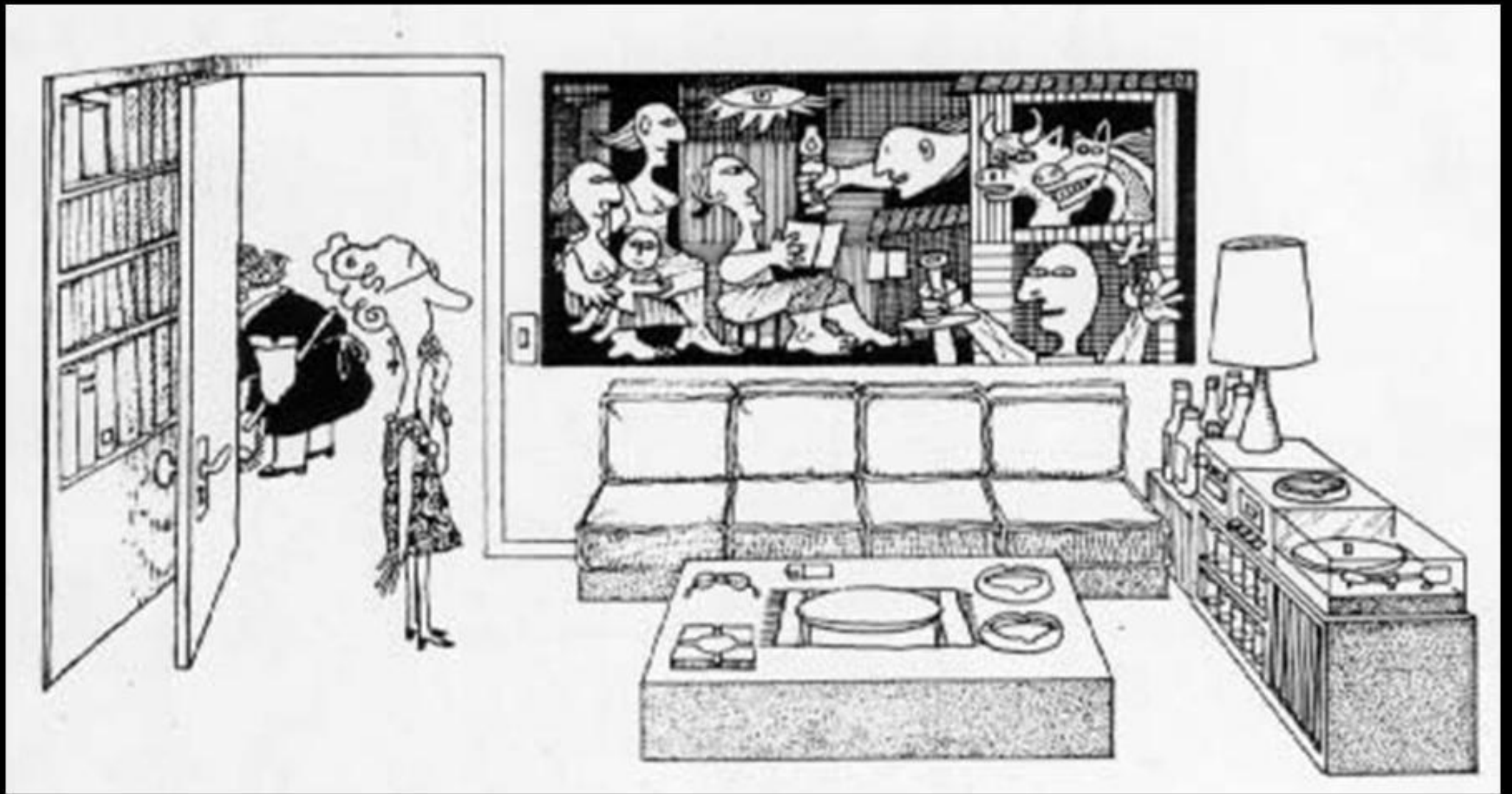
Parte 1

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ISTO É ARTE ?



Os desafios da contemporaneidade.



QUINO



A Obra de referência para Quino é a Guernica de Picasso, realizada em 1937, em protesto ao bombardeio da cidade de Guernica pela força aérea da Alemanha Nazista em apoio à ditadura de Francisco Franco, aliado de Adolf Hitler.

Desde o final do século XIX, a ideia principal dos estudiosos da Arte parece ser a tentativa de “organizar o caos”. Ideia metaforizada por Quino, cartunista argentino, tomando como referência a Obra “Guernica” de Picasso.

Pensando nisso, antes de entrarmos na Disciplina propriamente dita, vamos realizar um percurso panorâmico pela Arte Visual para obtermos uma visão geral sem perder de vista suas referências históricas.

Pode-se dizer que a Arte Contemporânea burla continuamente o Sistema da Arte colocando em xeque o conceito de Arte tradicional e também a própria vanguarda.

Mesmo aquilo que a modernidade conquistou recentemente se torna obsoleto e foco de contradição, confronto ou releitura, reconfiguração/ressignificação.

Olhando para o passado próximo, constatamos que as primeiras subversões em relação à tradição artística de matriz clássica surgiram com o advento da Modernidade; nome genérico dado aos diferentes movimentos e ações artísticas que ocorreram desde fins do século XIX, princípios e meados do século XX.

Um breve olhar sobre algumas obras do Neoclássico, anterior ao confronto instaurado pelo Modernismo, nos dá uma pequena mostra do tipo de imagens às quais a sociedade burguesa, do final do século XIX, estava acostumada.

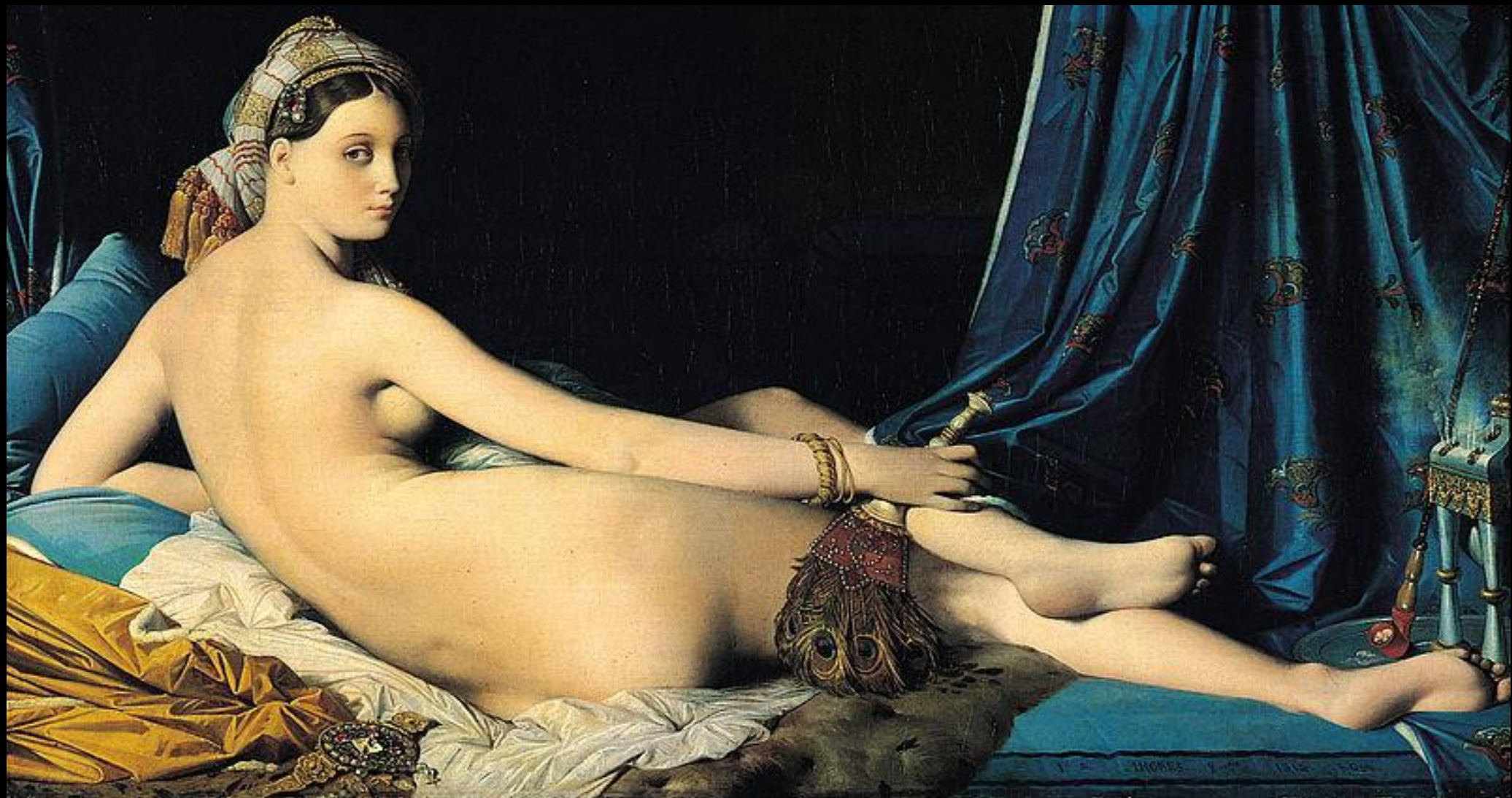


Jacques Louis David, Rapto das Sabinas, 1799, Neoclássico, França.

Foi confrontando com o projeto Clássico que a Modernidade se consolidou e se consagrou.



Picasso, releitura cubista do Rapto das Sabinas de David, 1962-63



Jean-Dominique Ingres, A grande Odaliska, 1814



A Grande Odaliska,
Releitura da
Obra de
Ingres
Picasso, 1907.

Para entender melhor este processo, é necessário observar um pouco mais os procedimentos adotados pelo classicismo na Arte Visual para compreender as atitudes Modernas.

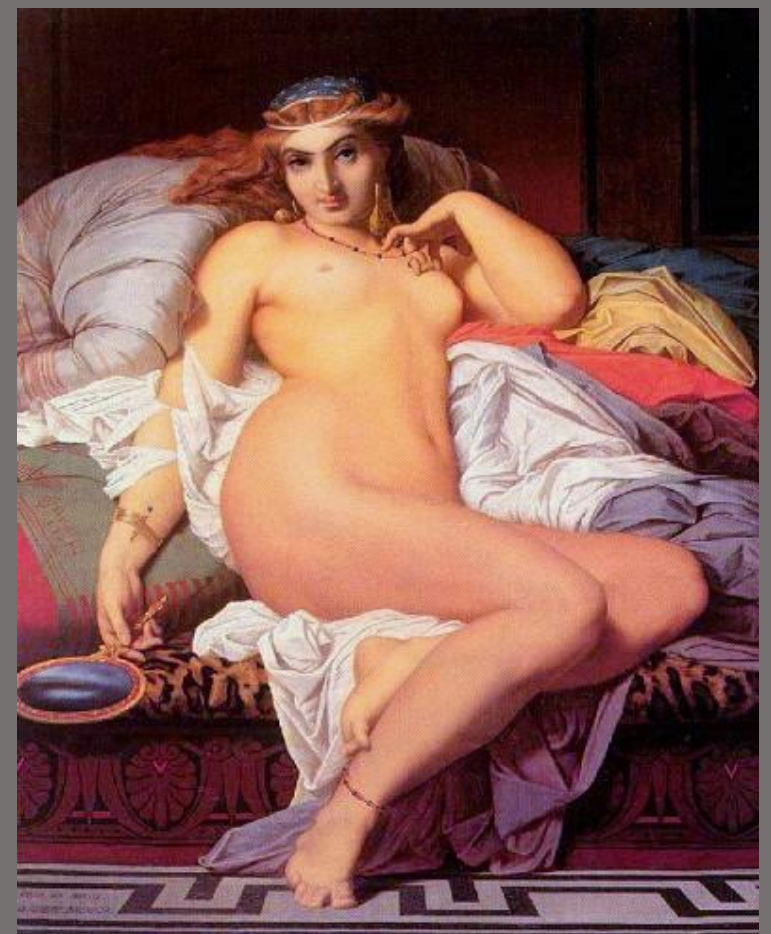
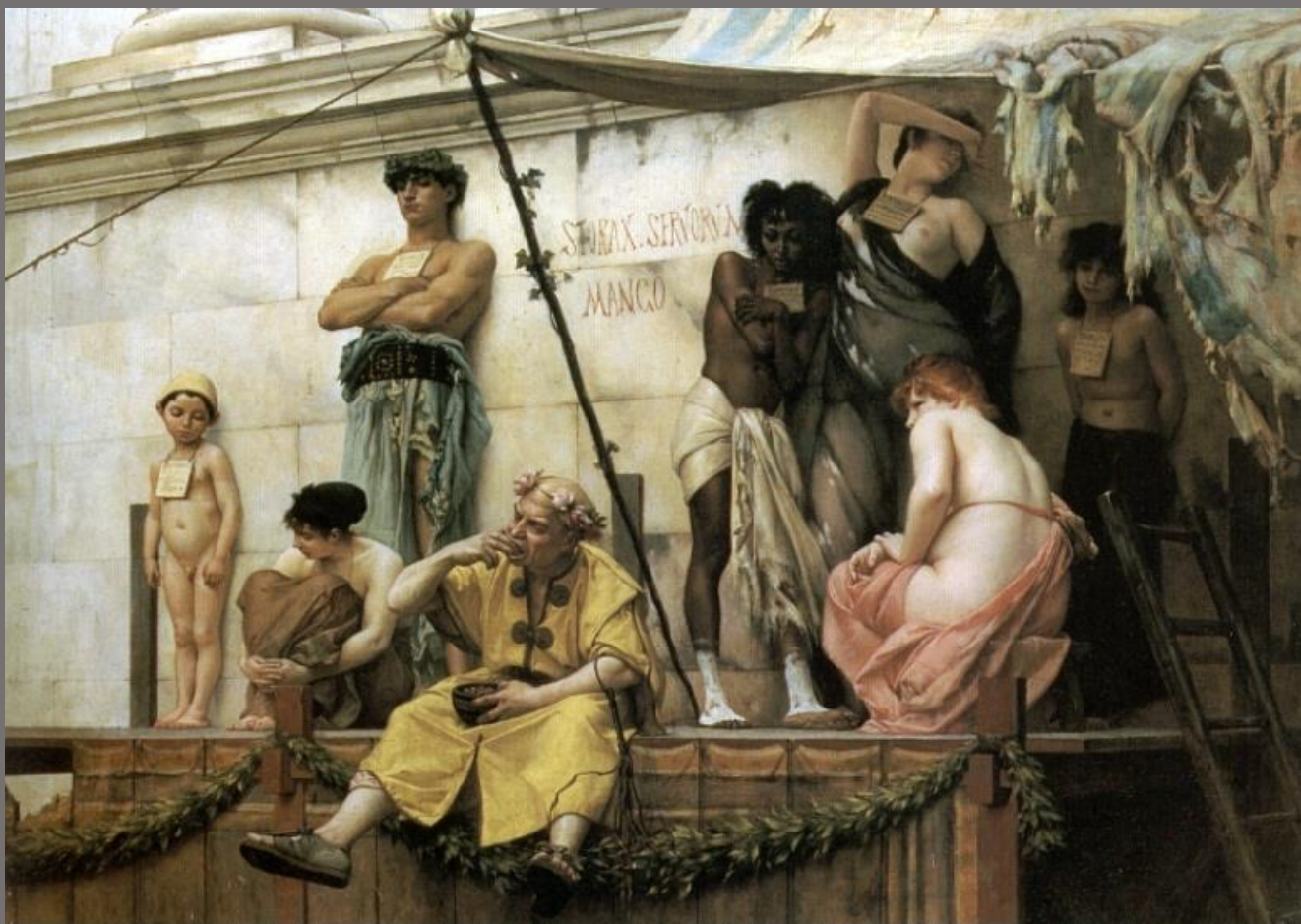
A França foi, no final do século XIX um grande centro artístico produtor e difusor da Arte. A consolidação do projeto pedagógico acadêmico resulta no conceito de Belas Artes, originário daquele período, cujo processo de ensino é contestado pela Modernidade.



Felix Vallotton, Frauenakt, Atelier Julian, 1885.



Escola de Belas-Artes de Paris, fins do século XIX.



Gustave Boulanger, 1850



Gustave Boulanger, 1861



SOCIÉTÉ POPULAIRE
DES
Beaux-Arts

13, Rue Grange-Batelière, 13

CONFÉRENCES ARTISTIQUES

AVEC

PROJECTIONS

Le 12 Février 1897, à 9 heures

AMPHITHEATRE DE LA VIEILLE SORBONNE

CONFÉRENCE

PAR

M. André MICHEL

CONSERVATEUR AU MUSÉE DU LOUVRE

LA SCULPTURE FRANÇAISE

Le Secrétaire général.

J. de SAINT-MRSMIN.

Le Président du Comité de Direction.

E. BENOIT-LEVY.

Le Président du Comité de Patronage.

Léon BOURGEOIS, député.

Paris. — Imprimerie ALGAN-LÉVY, 14, rue Croix-des-Flesch.

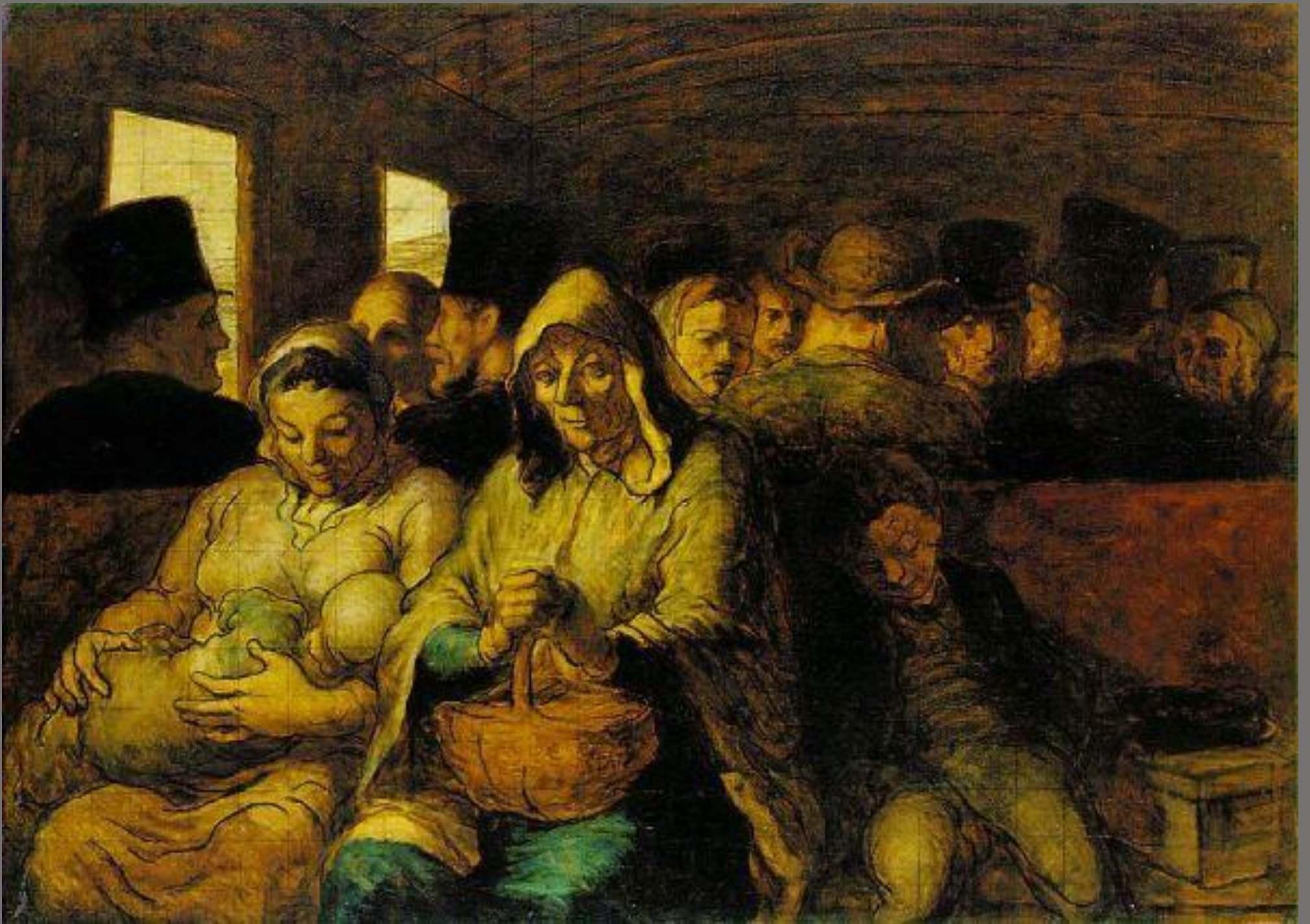
Cartaz de Alphonse Mucha, 1897.

Uma sociedade acostumada à concepção artística Clássica é desafiada pelas novas possibilidades expressivas e os novos valores plásticos propostos pelas concepções Modernistas no final do Século XIX e início do século XX vão produzir um confronto e um conflito com a sociedade e o sistema de arte vigente à época e que se desdobra por todo o século XX.

Pode-se dizer que uma das primeiras transformações em relação à estética clássica surge com o Realismo na França por volta de 1850, pós Revolução, foca as diferenças sociais e de classe evocando uma temática mais politizada e menos alienada naquele período



Jean-François Millet, Catadores de trigo, 1857



Honoré Daumier, Vagão de Terceira Classe, 1863-64



Gustave Courbet, Quebradores de Pedra, 1849

Mas as mudanças mais significativas incluem não só aspectos temáticos mas também transformações da forma, ou seja, da aparência que as obras de Arte Visual assumem em relação as suas manifestações poéticas.

Tais atitudes irão transformar não só a poética como também a estética dali em diante. O marco mais expressivo passou a ser o Impressionismo que, pelo discurso poético que assume, demonstrava o afastamento da estética e do conceito de arte vigente naquela época.

O Impressionismo rompeu com a visualidade da arte no fim do século XIX, a partir de 1874, data de sua primeira exposição no atelier do fotógrafo Nadar em Paris. Realizada por um grupo de artistas descontentes com os rumos da “Arte Oficial”

A grande conquista deste movimento foi transformar o olhar acomodado e passivo moldado pela tradição artística clássica em um olhar perscrutador, investigador, pró-ativo, tomando a natureza e descobrindo na luz e seus efeitos na incidência sobre o mundo, os seus efeitos óticos e, sobretudo, questionando os procedimentos artísticos, o que não era muito comum para a época.

Oscar-Claude Monet

Paris, 14-11-1840 / Giverny, 05-12-1926

Tomado como marco do Impressionismo
a partir de sua obra:

Impression: Soleil Levant

Impressão: Nascer do Sol

Com isto, a pintura sai definitivamente do estúdio e passa a habitar o meio ambiente, natural ou urbano, tomando, por um olhar sistêmico, o entorno cotidiano



O nome do Movimento: *Impressionismo*, foi tomado do comentário ácido e pejorativo manifesto por Louis Leroy no Le Charivari em 25 abril de 1874, com o título:
“A exposição dos Impressionistas”

parte do texto:

"Impressão, nascer do Sol" – eu bem o sabia! Pensava eu, justamente, se estou impressionado é porque há lá uma impressão. E que liberdade, que suavidade de pincel! Um papel de parede é mais elaborado que esta cena marinha..



Vincent Van Gogh, Starry Night, 1889



Claude Monet, Ponte, 1923-25

Entretanto, os artistas que expunham nesta primeira mostra da *Société anonyme des peintres, sculpteurs et graveurs*, realizada no dia 15 de abril de 1874, ironicamente no Atelier de Gaspard-Félix Tournachon, um fotógrafo conhecido por Nadar, assumiram esta alcunha sem pestanejar.

165 obras e 30 artistas: Astruc, Attendu, Béliard, Boudin, Bracquemond, Brandon, Bureau, Cals, Cézanne, Colin, Debras, Degas, Guillaumin, Latouche, Lepic, Lépine, Levert, Meyer, de Molins, Monet, Morisot, Mulot-Durivage, de Nittis, A. Ottin, L.A. Ottin, Pissarro, Renoir, Robert, Roualt e Sisley

O que o Impressionismo instaura é uma nova atitude, uma nova maneira de olhar para o mundo e recriá-lo por meio da arte, especialmente, por meio da poética pictórica. Os efeitos de luz e sombra observados a partir dos fenômenos luminosos e das teorias da cor tinham por finalidade aplicar o conhecimento teórico e as conquistas da ciência ao contexto da arte

Basta olhar para mais algumas obras de Monet e vamos entender o processo. Nesse conjunto ele procura reproduzir os efeitos luminosos da incidência solar em um só objeto, cujo resultado foi a série sobre a Catedral de Rouen, produzida entre 1893/93



*Rouen Cathedral, West Façade,
Sunlight*

1892



Rouen Cathedral, red, Sunlight

1892



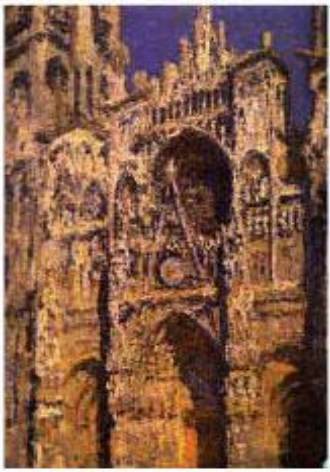
*Rouen Cathedral, Le portail et la tour
Saint-Romain, plein soleil ; harmonie
bleue et or*

1892-1893



Rouen Cathedral, Le portail, soleil matinal; harmonie bleue

1892-1893



A busca pela cor pura, as variações promovidas pelas alterações da luz solar em horários diferentes, estações diferentes, locais diferentes, sob incidência direta do sol e à sombra. Enfim a idéia era testar as Variáveis em relação a uma Constante, ou seja, seguir o princípio da ciência experimental no contexto da Arte

Para a época foi uma revolução pouco compreendida naquele momento, mas aceita como uma nova possibilidade de interação com outros campos do conhecimento, o começo de uma nova era, a da “transformação” e do “Estranhamento” que imperou por todo o século XX, mas que teve suas raízes no século XIX

Os desafios decorrentes deste *Estranhamento* é um incômodo, um certo mal-estar em relação ao conhecido ou ao já consagrado e aceito pela maioria, inclusive pelos críticos que relutaram muito em aceitar e a mudar seus pontos de vista, a exemplo do que ocorre com Louis Leroy, também acontece com Louis Vauxelles em 1905 e 1908

Em dois momentos, Vauxcelles critica dois pintores Modernos, o primeiro é Henry Matisse e seus amigos, à propósito de suas pinturas de cores puras e intensas chamando-os de Feras: Fauves, batizando, também pejorativamente o Fauvismo, movimento que se instaurou em 1904 e perdurou até 1908



Le bonheur de vivre (The Joy of Life), Alegria de Viver. 1905-06



La Musique,
1939

Em 1908, Vauxcelles ataca novamente, desta vez as obras de Georges Braque e Pablo Picasso, chamando-as de Bizarrias Cúbicas, o que resultou no batismo de guerra de Cubismo, outro movimento de sucesso no Modernismo, perdurando de 1907 a 1914



Georges Braque, Violino, 1909-10



Pablo Ruiz Picasso,
Garota com Bandolim,
1910

Fazendo um balanço do que aconteceu até aqui, percebe-se que há uma grande transformação entre a Arte considerada tradicional e a Arte decorrente da inovação, só para comparar: A obra As Meninas de Velasquez e as versões Cubistas Picassianas e de outros artistas que se dispuseram a reler tal obra:



Diego Velasquez, *As meninas*, 1656



Raio-X da obra



Picasso, Las Meninas, Cubismo 1957.





Para acelerar um pouco o processo, é só comparar com mais alguns autores que se dedicaram a discutir a mesma obra desde a modernidade e pós-modernidade:



Joel-Peter Witkin,
Las Meninas,
Velasques e Picasso,
1987



As Meninas,
Waltércio Caldas



José Manuel Ballester



As Meninas,
Oscar Larroca, 1992



Pierre-Adrien Sollier



Fernando Botero



Cristobal Toral,
D'après Las Meninas, 1975



Manolo Valdés &
Rafael Solves
(Equipo Cronica),
El recinto, 1971



Micheline Lo,
Les Ménines selon Hergé,
1985



As Meninas e Picasso,
Richard Hamilton, 1973



Eve Sussman
Infanta Enters
still from
*“89 Seconds at
Alcázar”*
2004

O que se percebe, a partir do Modernismo, é uma grande mudança tanto nas poéticas expressivas quanto nos modos de operá-las e desenvolvê-las, conseqüentemente, surge a dificuldade em aceitá-las, logo se instaura um *Estranhamento* do público e da crítica em relação à arte e este é o principal desafio para sua consolidação na contemporaneidade.

O que se via nos salões,
principalmente o de Paris no século
XIX, muda radicalmente no fim
daquele século e continua mudando
em todo o século XX, o século do
Estranhamento Estético, como o
estamos chamando, que se torna o
grande desafio para a Arte na
contemporaneidade.

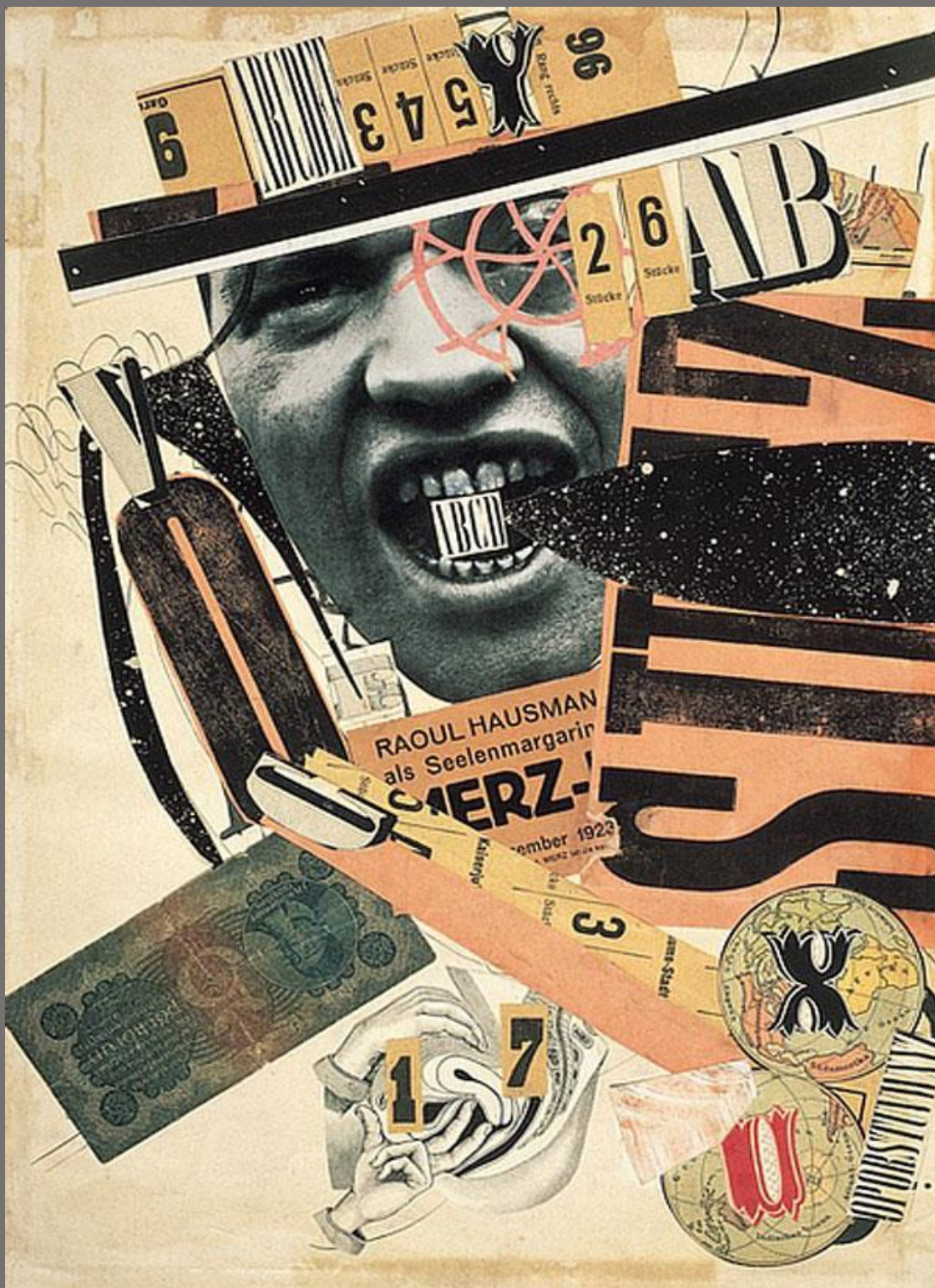
O Modernismo foi um processo de transformação da arte, inovador, experimental e ousado. Composto por diversos “ismos”. Entretanto, a maior ousadia estaria ainda por vir. Em 1916, Em Zurique, na Suíça, especialmente no Cabaret Voltaire, um grupo de artistas se junta para se opor ao sistema de arte reinante e provocam a revolução mais radical do Modernismo

Tristan Tzara, Hugo Ball e Hans Arp instauram o movimento DADA, tomando emprestada aleatoriamente a palavra do dicionário francês. Poetas, escritores, pintores, fotógrafos, teatrólogos e atores constituem este grupo de inconformados e fazem o manifesto Dadaísta veiculado pela Revista Dada

O *non sense* era a principal marca do movimento, além disso, na arte visual, a incorporação de diferentes materiais, substâncias e objetos de toda ordem nos trabalhos apresentados rompe com qualquer barreira que ainda existisse em relação à arte tradicional em busca da libertação da forma, da livre expressão e da autonomia da arte.



Hans Arp, Colagem disposta segundo as leis do acaso, 1916-17



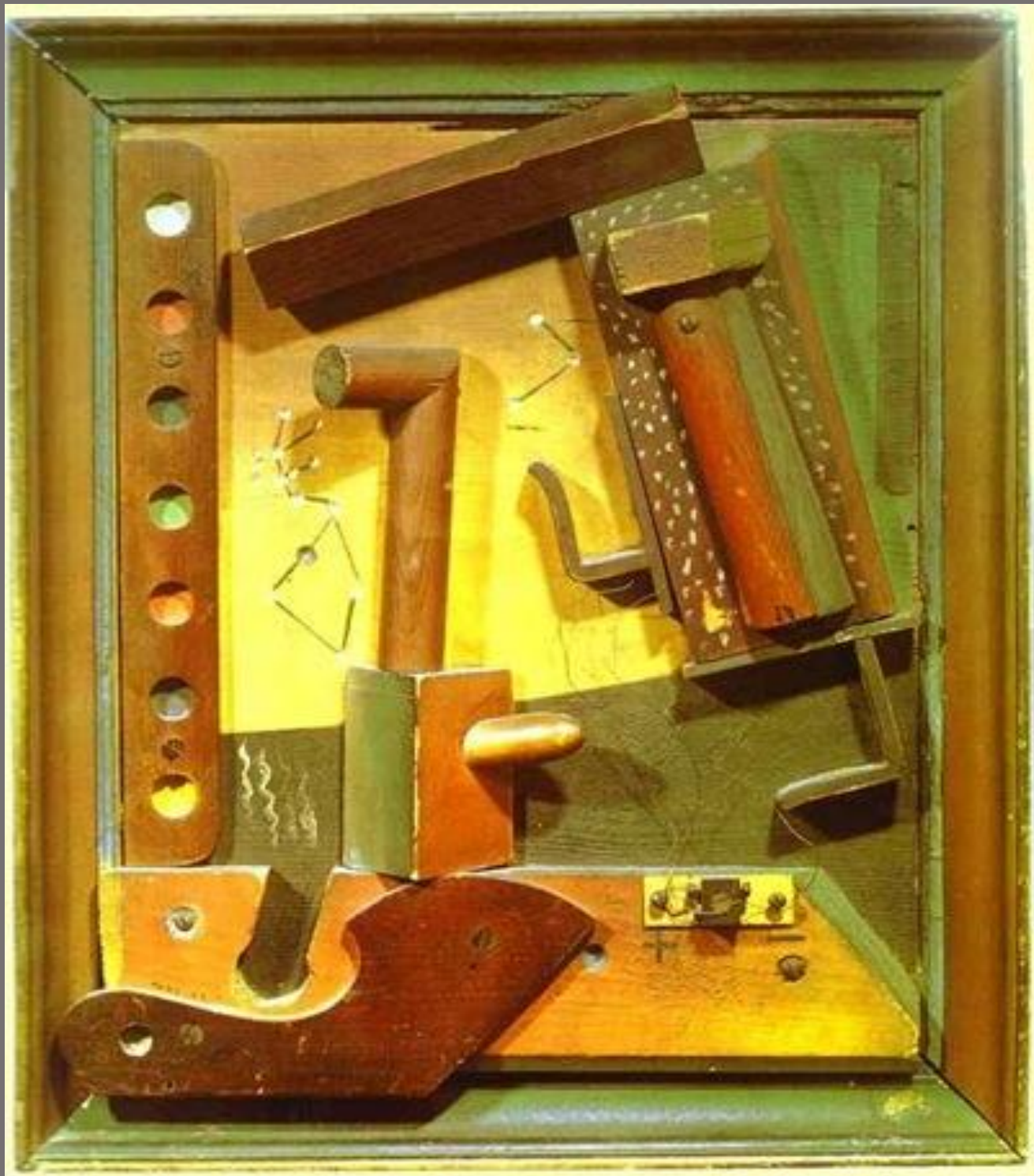
Raoul Hausmann, colagem
ABCD, 1916



Raoul Hausmann, **Mechanical Head (Spirit of Our Age)**, ca. 1920



Hans Arp, 1920



Max Ernst

Um dos grandes nomes do Dadaísmo foi Marcel Duchamp, especialmente por trabalhar com os *objet trouvé*, ou seja, objetos encontrados, trazidos para o contexto da arte e que, por ele foram depois chamados de *Ready Made*, objetos já prontos, acabados.



Marcel Duchamp,
Roda de bicicleta,
1951



Marcel Duchamp, Bottle Rack,
1914



Marcel Duchamp, Fonte, 1917

Neste caso a *esteticidade* não brota da obra de arte mas, qualquer obra pode se tornar arte, basta dar-lhe o *status* de obra de arte, inserindo-a no sistema de Arte por meio da produção, análise e distribuição isto acaba contribuindo para o surgimento da Arte Conceitual, ou seja aquela que prescinde dos objetos e privilegia a ideia, o conceito

Pode-se dizer que o Dadaísmo corroborou a instauração da pesquisa em arte, pois, todas as estratégias e estratégias usadas pelos dadaístas se tornaram procedimentos reconhecidos e explorados por uma grande parte dos artistas subsequentes, inclusive movimentos e mesmo a chamada Pós-modernidade, beberam na fonte Dada.